

ERA UMA VEZ... INFÂNCIA, REPRESENTAÇÃO E AFRO-BRASILIDADE NO REINO DA LITERATURA INFANTOJUVENIL

ONCE UPON A TIME... CHILDHOOD, REPRESENTATION AND AFRO-BRAZILIANITY IN THE CHILDREN'S LITERATURE REIGN

GODOY, Maria Carolina de ¹

Resumo: Neste artigo, pretende-se apresentar obras da literatura infantojuvenil com destaque para a representação de personagens negras e da cultura afro-brasileira. Com base em experiências em sala de aula, do fundamental à pós-graduação, em discussões realizadas em eventos, cursos ministrados aos docentes da educação básica e a partir de reflexões em torno de pesquisas desenvolvidas sobre literatura afro-brasileira, a proposta deste trabalho é destacar obras com personagens negras em posição de protagonismo e ilustrações de crianças negras, cuja discussão parte de três aspectos, a saber, a autoimagem da personagem negra, suas relações afetivas com o mundo dos adultos e as narrativas sobre orixás. O *corpus* selecionado está ligado a esses três núcleos, que se interligam e, para o desenvolvimento do trabalho, são elencados autores do campo dos estudos culturais como Stuart Hall (2006; 2016), Tomaz Tadeu da Silva (2014), materiais e documentos sobre a educação étnico-racial.

Palavras-chave: Literatura infantojuvenil. Personagem negra. Afro-brasilidade.

Abstract: In this paper, we intend to present children's literature works, highlighting the representation of black characters and of afro-brazilian culture. Based on classroom experiences, from elementary school to postgraduate studies, on discussions at scientific congresses, courses taught to basic education teachers and on reflections around researches on afro-brazilian literature, the purpose of this work is to highlight works that contain black characters at protagonism positions and black children illustrations, whose discussion starts with the three aspects ahead: the self-image of the black character, their affective relations with the adulthood world and the orixas narratives. The selected corpus is linked to three nucleus that intersect each other and, for the development of this work, we list authors from the cultural studies area such as Stuart Hall (2006; 2016), Tomaz Tadeu da Silva (2014), materials and documents about ethnic-racial education.

Keywords: Children's literature. Black character. Afro-brazilianity.

¹Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1998), mestrado em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2002), doutorado em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2007) e pós-doutorado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2012). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Estudos Literários, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura brasileira, literatura afro-brasileira, difusão digital de obras literárias, redes e literatura infantojuvenil. É pesquisadora visitante do PACC - Programa Avançado de Cultura Contemporânea da UFRJ desde 2012. Participa do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL. Professora adjunta da Universidade Estadual de Londrina no Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas e líder do diretório de pesquisa do CNPq "Literatura afro-brasileira e sua divulgação em rede".

1. INTRODUÇÃO

Sempre serei como um menino para muitas coisas, mas um desses meninos que, desde o começo, carregam consigo o adulto, de maneira que, quando o monstrinho chega verdadeiramente a adulto ocorre que, por sua vez, carrega consigo o menino, e *nel mezzo del cammin* dá-se uma coexistência poucas vezes pacífica de pelo menos duas aberturas para o mundo. Pode-se entender isto metaforicamente porém indica, em todo caso, um temperamento que não renunciou à visão pueril como preço da visão adulta, e essa justaposição, que faz o poeta e talvez o criminoso, e também o cronópio e o humorista (questão de doses diferentes, de acentuação aguda ou esdrúxula, de escolhas: agora jogo, agora mato) manifesta-se no sentimento de não estar de todo em qualquer das estruturas, das teias que a vida arma e em que somos simultaneamente aranha e mosca. (CORTÁZAR, 2006, p. 165)

Inicia-se, assim, o ensaio de Julio Cortázar, misto de crítica e devaneio, que coloca em debate o homem e o menino, ambos, coexistindo na esfera da percepção da realidade pelo poeta. Ao recuperar a infância, assim como poetas revisitam-na na literatura brasileira e reescrevem as imagens do passado pelo olhar lírico, Cortázar chama a atenção para esse sentimento truncado, fragmentado, deslocada de percepção do real, desde a tenra idade, que o faz não se sentir inteiro e considera-o advindo do modo de ver o mundo pelo filtro poético.

Colocar a voz de Cortázar na abertura deste artigo tem o intuito de expandir sua ideia inicial sobre o “sentimento de não estar de todo” e “a abertura para o mundo” ao campo do leitor, sobretudo o infantojuvenil, que tem contato com o mundo literário ao ouvir histórias e, após a alfabetização, ao ler as obras a ele destinadas. Esse novo mundo artístico-literário, apresentado ao leitor infantojuvenil, oferece-lhe a sensação de fazer parte do todo? Esse novo mundo é de fato uma abertura para expansão de suas experiências pueris do faz-de-conta? Se a observação mais detida recai sobre as crianças negras e as obras recorrentes na educação fundamental, o sentimento pode ser o de não estar no todo, colocando, de outro modo, as palavras de Cortázar. Obras que trazem predominantemente príncipes, princesas, histórias e ilustrações de crianças brancas fazem um recorte de experiência ao representarem personagens brancas, ou seja, uma percepção parcial da realidade e que se pretende universal.

Com base em experiências em sala de aula, do fundamental à pós-graduação, em discussões realizadas em eventos, cursos ministrados aos docentes da educação básica e a

partir de reflexões em torno de pesquisas desenvolvidas sobre literatura afro-brasileira², a proposta deste trabalho é destacar obras com personagens negras em posição de protagonismo e ilustrações de crianças negras, cuja discussão parte de três aspectos, a saber, a autoimagem da personagem negra, suas relações afetivas com o mundo dos adultos e as narrativas sobre orixás. As obras selecionadas estão ligadas a esses três núcleos, que se interseccionam: *Histórias da Preta*, de Heloisa Pires Lima (1998), ilustrações de Laurabeatriz; *Minhas contos*, de Luiz Antonio (2008), ilustrações de Daniel Kondo; *Erinlé, o caçador e outros contos africanos*, de Adilson Martins (2008), ilustrações de Luciana Justiniani Hees; *Om̃-oba: histórias de princesas*, de Kiusam de Oliveira (2009), ilustrações de Josias Marinho; *Betina*, de Nilma Lino Gomes (2009), ilustrações de Denise Nascimento; *Os tesouros de Monifa*, de Sonia Rosa (2009), ilustrado por Rosinha; *Lendas da África Moderna*, de Heloisa Pires Lima e Rosa Maria Tavares Andrade (2010), ilustrações de Denise Nascimento; *Uma princesa nada boba*, Luiz Antonio (2011), ilustrações de Biel Carpenter; *O cabelo de Cora*, de Ana Zarco Câmara (2013), ilustrações de Taline Schubach; *Lulu adora histórias*, de Anna McQuinn (2014), ilustrações de Rosalind Beardshaw; *Obá Nijô: o rei que dança pela liberdade*, de Narcimária do Patrocínio Luz (2014), ilustrações Ronaldo Martins; *Calu: uma menina cheia de histórias*, de Cassia Valle e Luciana Palmeira (2017), ilustrações de Maria Chantal; *Zu Zum Zumbiiiiiiii*: história de Zumbi dos Palmares para crianças, de Sonia Rosa (2018), ilustrações de Simone Matias; *No reino da carapinha*, de Fausto Antonio (2018), ilustrações de Junião e *As férias fantásticas de Lili*, de Lívia Natália (2018), ilustrações de Carolina Teixeira (Itzá). Para o desenvolvimento do trabalho são elencados autores do campo dos estudos culturais como Stuart Hall (2006; 2016), Tomaz Tadeu da Silva (2014), materiais e documentos sobre a educação étnico-racial.

2.Princesas e seus cabelos

A narrativa de *Betina*, de Nilma Lino Gomes (2009), mescla experiência, afeto e descobertas na relação entre a menina e sua avó. Nas primeiras páginas, há a imagem da

² O conceito de literatura afro-brasileira é proposto por Eduardo de Assis Duarte (2011), que adota critérios para a adoção da denominação de literatura afro, a saber, temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público leitor, em que se destaquem negros e negras. Nas obras contempladas neste trabalho, não houve seleção com base na adoção de todos os critérios propostos, mas de alguns, sobretudo no que dizem respeito à temática, ponto de vista e linguagem.

menina pulando corda, enquanto a avó, à janela, observa a brincadeira e o canto da neta. O tom da alegria, do jogo, da letra da canção impregna as primeiras cenas da infância para, em seguida, aproximar avó e neta pelo ato de trançar os cabelos, quando os diálogos entre elas começam. As cores vibrantes dessa cena, registradas nas ilustrações de Denise Nascimento (2009), corroboram a alegria anunciada na brincadeira de corda das páginas iniciais. Cada trança é feita cuidadosamente:

[...] a avó sentava-se em um banquinho, colocava uma almofada para Betina sentar-se no chão, jogava uma toalha sobre os ombros da menina, dividia o cabelo em mechas e ia desembaraçando, penteando e trançando uma a uma, com uma rapidez incrível.

Enquanto trançava, avó e neta conversavam, cantavam e contavam histórias. Era tanta falação, tanta gargalhada que o tempo voava! E, no final, o resultado era um conjunto de tranças tão artisticamente realizadas que mais parecia uma renda. (GOMES, 2009, p.6).

O reflexo do rosto de Betina no espelho, apresentado de modo frontal pela primeira vez, fica iluminado ao ver o resultado da dedicação da avó. Imagens como essa são raras em obras destinadas ao público infantil e juvenil na sala de aula, embora fundamentais para ampliarem a representação no discurso literário de personagens negras em situação de protagonismo e distantes de estereótipos. A história da relação afetiva entre as personagens continua até a morte da avó, cujos ensinamentos são colocados em prática por Betina, quando se torna adulta e escolhe a profissão de cabeleireira.

Ao discutir a representação a partir da perspectiva político-cultural, Stuart Hall (2016) desenvolve análise de imagens sobre/de negros em seu livro *Cultura e representação*.

Nosso foco se dirige para a variedade de imagens expostas na cultura popular e na mídia de massa. Algumas são imagens de publicidade comercial e ilustrações de revistas que utilizam estereótipos raciais datadas do período da escravidão ou do imperialismo popular do final do século XIX. A pergunta que surge com essa comparação através dos tempos é: os repertórios da representação em torno da “diferença” e da “alteridade” mudaram ou as características anteriores permanecem intactas na sociedade contemporânea? (HALL, 2016, p.140).

A imagem dos cabelos de personagens negras na literatura infantojuvenil ganha relevo na ilustração e nas histórias, que reforçam a autoimagem positiva da criança, e procura quebrar a recorrência de cabelos lisos e longos encontrados nas ilustrações. Na história de *O cabelo de Cora*, de Ana Zarco Câmara (2013), ilustrada por Taline Schubach e apresentada em forma de poema, a personagem enfrenta um conflito inicial, quando sua amiga pede para que ela prenda os cabelos: Seu cabelo é cheio/e muito enrolado/Por isso ele fica feio/ Sempre

bem desarrumado (CÂMARA, 2013, p. 8). Cora, entristecida, procura a tia e encontra palavras de acolhida e estímulo a manter seus cabelos soltos. A tia recupera a figura da avó, como modelo de beleza ancestral, e mostra à sobrinha o quanto deve se orgulhar de suas origens: Lembra-me sua avó/ De quem tenho saudade/ Ela era linda que só/ Mesmo sem vaidade (CÂMARA, 2013, p.18). A menina volta feliz para escola e reencontra a amiga arrependida pelo que disse e, ao final, o equilíbrio é recuperado. No *site Geledés*, o registro de Ana Carolina Reis (2014), do *Blogueiras Negras*, contribui para esta reflexão sobre a importância das representações artísticas e literárias de personagens infantojuvenis negras, na sala de aula, para afirmação identitária, uma vez que ela relembra “as brincadeiras” de sua infância, em torno de seu cabelo e, hoje pedagoga, o papel da educação para combater o racismo:

[...] A exclusão era fato, xingamentos, apelidos, “musiquinhas” eram rotineiros. O cabelo? Esse era alvo fácil, era comum me chamarem de “cabelo ruim” “neguinha do cabelo duro” “cabelo pixaim”. [...] Um dos aspectos que pude perceber na etnografia é que algumas crianças negam a primeira vista esse problema, mas em diálogo acabam afirmando suas angústias. Outro ponto também é quando se trata de identidade, o cabelo apresenta uma dificuldade de construção da identidade negra em meio a uma sociedade com um padrão de ideal de branquidão. Pelo fato do cabelo ser o alvo número um de “brincadeiras” e apelidos, a criança negra passa a não gostar de um dos símbolos mais fortes da identidade negra. Muito além do caráter estético o corpo e o cabelo tratam do caráter simbólico e identitário da cultura negra. Partindo da ideia que a cultura negra é construída não só a partir do olhar que o negro tem de si, mas também da relação que ele tem com o olhar do outro sobre ele, não só o que é refletido no espelho importa, mas a sociedade também atua como um espelho.

Outras narrativas, apresentadas no próximo tópico, reforçam laços entre as mulheres negras (avós, mães, tias, irmãs) e estabelecem elos entre a autoimagem positiva e o resgate da história ancestral para reiterar o círculo de amor e afeto, que procura proteger a personagem criança (meninos e meninas).

3. A voz da ancestralidade

A obra *Lendas da África Moderna*, de Heloisa Pires Lima e Rosa Maria Tavares Andrade (2010) com ilustrações de Denise Nascimento, traz quatro contos inspirados em lendas de países africanos. Em “O brinco de ouro”, em meio ao clima de despedida, a avó procura consolar a neta Gabriela, que terá de se mudar com os pais para Gana, lembrando a

REVELLI, Vol. 11. 2019. Dossiê: Estudos Literários e Interculturalidade. ISSN 1984-6576.

E-201913

lenda dos brincos da princesa Axânti: “A avó de Gabriela conhecia bem essa história e ajudou a espalhá-la naquele dia em que a menina estava revoltada, aos soluços.” (LIMA; ANDRADE, 2010, p. 56). A imagem em que avó e neta aparecem abraçadas está cercada por ilustrações de malas, baús e lembranças. Nesta cena, em que a avó representa a sabedoria e a memória ancestral do *griô*, a afetividade emana do toque, do ato de lembrar e de contar.

Gabriela olhava para a avó, voltava seu rostinho bonito para o brinco e novamente para a avó. Por um segundo, o brilho dourado que vinha da peça ofuscou a visão das duas quase como se olhassem direto para o sol. Então, era a hora de conhecer a lenda! (LIMA; TAVARES, 2010, p. 63).

A pesquisadora Ana Cláudia Lemos Pacheco (2013), no livro *Mulher negra: afetividade e solidão*, ressalta o papel exercido pela avó e pela mãe na trajetória das mulheres negras:

Em outras trajetórias analisadas de mulheres negras de camada popular, observei que a rede de ajuda vem dos membros da família consanguínea, depois do parentesco fictício e depois de outras formas de ajuda, descritas acima, ou de vizinhos, amigos. No caso das mulheres de camada média, estas conseguiram mobilidade social por meio das estratégias da rede familiar, pai, mãe. Todavia, estas, sem exceção, ressaltaram a importância da figura da mãe/avó, com ou sem parceiro, no investimento econômico e na sua educação. Essas estratégias, também, se multiplicaram entre as mulheres negras selecionadas que experimentaram mobilidade social. (PACHECO, 2013, p. 201).

Nesse clima de contar histórias ancestrais, estão ambientadas estas quatro obras: *Os tesouros de Monifa* (2009) e *Zum Zum Zumbiiiiiii* (2018), ambas de Sonia Rosa; *Lulu adora histórias*, de Anna McQuinn (2014) e *Calu: uma menina cheia de histórias*, de Cássia Valle e Luciana Palmeira (2017). Na primeira narrativa, a personagem principal, ao fazer aniversário, recebe da mãe e da avó uma caixa com diários de sua tataravó chamada Monifa, escravizada no Brasil, que registra suas memórias. A menina recebe o presente numa espécie de ritual de passagem e sua incumbência é de guardiã dessa voz ancestral:

Acordei naquele dia com o coração em festa! Era o meu aniversário! Minha mãe e vó Abgail me chamaram num canto e me comunicaram com voz solene que, sendo a filha mais velha, havia sido escolhida para ficar com “o tesouro”. Ele agora me pertencia e deveria ser levado para minha casa quando eu virasse gente grande. Deveria cuidar dele com muito carinho e passá-lo adiante.[...] (ROSA, 2009, p. 13).

A carta deixada pela avó, lida na abertura da caixa, estabelece o vínculo entre passado e presente, reforça a necessidade de luta em face das adversidades e reitera a necessidade de

fortalecimento de laços com a ancestralidade: “O corpo pode estar preso, amarrado, maltratado, mas as ideias e os pensamentos nunca se escravizam. É isso que faz a diferença.”. Na cena final, mãe, avó e neta estão juntas no ato de trançar os cabelos, cuja ação simboliza o atar as pontas das histórias do passado e do presente:

Não sei quanto demorei ali sozinha, quer dizer, sozinha não, eu e “aquelas lembranças”... De repente, vi minha mãe e minha avó Abgail na minha frente, pentes nas mãos, preparadas para trançar o meu cabelo. Por causa do meu aniversário, elas iam enfeitar minhas tranças com elásticos coloridos [...]. (ROSA, 2009, p. 27).

Importante salientar que as ilustrações das mulheres negras (adultas e crianças), realizadas nesta obra por Rosinha, mostram cabelos soltos, adornados com lenços ou tranças com elásticos coloridos. Em outra narrativa, o elo entre passado e presente estabelece-se pela história ancestral de Zumbi dos Palmares, contada à personagem criança por sua mãe em *Zum Zum Zumbiiiiiii*, de Sonia Rosa (2018). A história começa com a atenção do menino voltada aos sons do vento, do pião, da capoeira que o faz perguntar para sua mãe sobre a história de Zumbi. Ilustrações de Simone Matias e o enredo impulsionam a percepção sinestésica ao colocar lado a lado sons (os barulhos ouvidos pelo menino que abrem e fecham a narrativa), cores (imagens de espaços abertos, fechados e de personagens negras em luta ao lado de Zumbi), tato (o menino recebe afagos da mãe no colo enquanto ouve a histórias), olfato e paladar (na cena final quando a mesa é posta para uma refeição). O conteúdo verbal e o não-verbal constroem a cena de heroísmo de Zumbi, o ambiente afável da família e ressaltam a importância da coletividade negra além da família, isto é, (re)unida em torno de um passado comum: a escravidão dos ancestrais.

Mãe e filho se abraçam longamente num chamego só deles.

— Gostei da história do meu amigo Zum Zum Zumbiiii, mas acho que o bolo já está pronto.

O menino acertou em cheio!
O bolo já está no ponto e perfuma a casa toda.

Papai o coloca na mesa junto
com o suco de laranja que acabou de fazer.

Toalha bordada,
bolo cheiroso,
copos coloridos,
Alegria por todos os lados!
Quanta poesia! (ROSA, 2018).

Calu, menina de seis anos, está cercada pelas histórias de avós na obra *Calu: uma menina cheia de histórias*, de Cássia Valle e Luciana Palmeira (2017), ilustrada por Maria Chantal. Do contato com os avós, Dandara e Pedro, suas narrativas e visita ao museu, nasce a contadora-menina, que imagina um museu no local onde mora. O universo ficcional, vibrante e cheio de sonhos de uma criança, possibilita a realização do desejo da menina Calu em criar um museu em sua cidade. O passado presentifica-se não apenas pelas histórias ancestrais de seus avós, mas também pela preservação do patrimônio e da memória, simbolizados pelo museu, inaugurado ao final da narrativa:

“— Era uma vez uma menina que gostava de ouvir histórias para sonhar e desenhar. [...] E pensando em preservar a memória das pessoas desse lugar [...] o Museu Aberto da Ilha da Boca do Rio [...]. Local de múltiplas cores que terá os cheiros, os sabores, as lembranças e os costumes de todos os moradores dessa ilha. E o mais importante é que esse museu terá a participação e o coração de toda a comunidade: pescadores, gritos, marisqueiras festeiras, sambistas, poetas, rezadeiras e seus mistérios, cozinheiras, rendeiras das mãos mágicas, crianças travessas cheias de alegria.” (VALLE; PALMEIRA, 2017).

Dessa forma, a criança leitora é inserida no espaço ficcional da ancestralidade, do contato com os avós-contadores, da recriação das histórias e da possibilidade de concretização dos sonhos. Além disso, ressalta-se o deslocamento do espaço doméstico para o museu, apresentando locais de preservação da memória coletiva, que se inicia com o relato oral. Esse deslocamento ocorre também na narrativa *Lulu adora histórias*, de Anna McQuinn (2014), quando o pai da protagonista leva-a para biblioteca. A ilustração de Rosalind Beardshaw, central na página, coloca em relevo o pai lendo a história para Lulu e, na sequência, a menina vestida de “fada princesa”, simboliza imersão no imaginário infantil em que a criança se vê no lugar da personagem da história. Reitera-se a importância dessa representação da personagem negra criança em roupas de fada e princesa, que poucas vezes está presente em livros infantojuvenis, levados para sala de aula. Nas palavras de Tomaz Tadeu da Silva (2014, p. 103)

[...] representação é sempre inscrição, é sempre uma construção linguística e discursiva dependente de relações de poder. [...] Um currículo crítico que se preocupasse com a questão do racismo poderia precisamente colocar no centro de suas estratégias pedagógicas a noção de representação tal como definida pelos Estudos Culturais.

Outra ilustração significativa é a da representação de Lulu e do amigo Lipe, ambos brincando com bonecas, depois que a protagonista lê uma história sobre amizade. Lipe, personagem branca, está com um carrinho de bebê também branco e Lulu está acompanhada do carrinho com sua boneca negra, quebrando o estereótipo da distinção entre brincadeira de menino e de menina e a predominância de bonecas brancas. A cada leitura, a menina vivencia a brincadeira correspondente ao tema do livro no seu dia a dia, recriando o espaço ficcional no cotidiano, como na história de Calu.

Na sexta-feira à noite, o pai de Lulu inventa uma história sobre uma garotinha que tem um par de sapatos mágicos. No dia seguinte, os sapatos de Lulu ficam mágicos de verdade. Eles vão brilhando por todo caminho até a biblioteca... e por todo o caminho até a casa de Lulu. E brilham também enquanto o pai de Lulu lê para ela uma história sobre um monstro malvado! O que Lulu será amanhã? (MCQUINN, 2014).

Viajante pelas histórias orais da família, a personagem de *Histórias da Preta*, de Heloisa Pires Lima (1998), ilustrações de Laurabeatriz, apresenta-se logo nas primeiras páginas:

Eu sou a Preta. Era minha madrinha, a tia Carula, uma irmã querida de minha mãe, quem me chamava assim. Ela sempre chegava com um lençinho na cabeça e uma sacola de palha cheia de novidades, que eu abria sentindo cheirinho de boneca nova, de brinquinhos para brincar, de roupa bonita, de livrinhos de história com perfume de papel colorido.
— Preta, vim te buscar! (LIMA, 1998, p. 9).

O livro é subdividido em partes, que destacam desde histórias inspiradas em lendas africanas, passando por narrativas da Preta em seu convívio escolar até o contato com as religiões de matrizes africanas e é indicado para o final do Ensino Fundamental I e início do II. Há a mescla do tom ficcional ao didático, sem que se percam as nuances literárias, a beleza do ponto de vista da menina no percurso da descoberta da ancestralidade e das narrativas míticas dos orixás:

Conta o mito que Olodumaré, que é o deus ioruba, quis criar a Terra e deu um punhado dela, num saquinho, para Obatalá ir criá-la. Antes de ir, Obatalá teria que fazer a oferenda a Exu, pois sem movimento não há ação. Obatalá, que é muito velho, esqueceu e foi andando, andando devagarinho, e no caminho sentiu sede. Então viu uma árvore, dessas que têm água dentro, e parou, abriu a planta e bebeu. Só que era uma bebida que dava um pouco de tontura, e então ele deitou debaixo da árvore e acabou dormindo. (LIMA, 1998, p. 61).

Nota-se que, no contexto da literatura infantojuvenil aqui destacada, a retomada da ancestralidade conecta o presente da personagem-ouvinte, representada pelas crianças negras, ao passado de gerações anteriores, mulheres e homens negros que transmitiram seus relatos, preservando a memória de seu povo no longo período histórico marcado pela escravidão. Esses relatos ancestrais, passados às novas gerações, retomam memórias ambientadas em países africanos e o modo como ocorreu a tradução³ dessas culturas no Brasil, visíveis na língua, nos alimentos, na arte, na percepção do mundo, enfim, na tradição desse povo fundida à cultura brasileira. Religar presente e passado é o reforço de vínculos familiares e comunitários, e a recuperação das narrativas míticas dos orixás, contadas às crianças, descortina um universo de mitos milenares, ligados à natureza e, ao mesmo tempo, desconstrói preconceitos em torno das religiosidades de matrizes africanas. Além disso, o retrato dos orixás é feito a partir de reis, rainhas, príncipes e princesas, o que pode contribuir para o enaltecimento dessas imagens e da representação identitária negra. Torna-se, portanto, fundamental elemento na composição do que se chama afro-brasilidade.

4. Narrativas dos orixás

Em cursos ministrados a docentes da educação básica, com o propósito de apresentar a literatura afro-brasileira e obras que abordem a cultura afro, reitero a necessidade de pesquisas prévias sobre as narrativas míticas dos orixás, quando não há familiaridade com o

³Esse termo é utilizado conforme Stuart Hall (2006, p. 88) *A identidade cultural na pós-modernidade*:

Naquilo que diz respeito às identidades, essa oscilação entre Tradição e Tradução [...] está se tornando mais evidente num quadro global. Em toda parte, estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em *transição*, entre diferentes posições [...]. Este conceito [da tradução] descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram dispersadas para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades.

tema, e indico a obra de Reginaldo Prandi (2001), *Mitologia dos Orixás*, referência no grupo de pesquisa que coordeno.

Uma princesa nada boba (2011), ilustração de Biel Carpenter e *Minhas contas* (2008), ilustração de Daniel Kondo, obras de Luiz Antonio, são narrativas que abordam, na literatura infantojuvenil, a cultura afro-brasileira com destaque para a inserção da religiosidade de matriz africana, o candomblé. Eliane Debus (2010, p. 20) ressalta a importância da temática religiosa em *Minhas contas*:

Esse livro traz, com maestria, uma temática de cunho íntimo e familiar que é a religiosidade, nesse caso, a herança religiosa do povo negro, quase inexistente nos livros para crianças, culminando com uma valorização da religião de matriz africana, rompendo com um discurso homogêneo, e muitas vezes imposto, sobre religiosidade.

Na história de amizade entre Pedro e Nei, em *Minhas contas*, interrompida pelo preconceito, as ilustrações estão diretamente ligadas às cores dos orixás. Quando Nei, narrador-protagonista, é impedido de ir à casa de seu amigo Pedro, pois carrega no pescoço os fios de contas – colares usados em respeito aos orixás -, cada manifestação de sua dor vem seguida pela cor do orixá que representa aquela emoção. À expressão “Era tanta raiva”, colocada no canto superior esquerdo da página, segue-se “que eu queria lutar.”, no canto inferior direito e a página está toda preenchida por tons da cor azul e pela figura da espada, na diagonal, que simbolizam Ogum, representante de lutas e conquistas. Na página subsequente, predomina a cor verde da mata, onde o menino pretendia se esconder, e há a imagem do arco e flecha, símbolo de Oxóssi, senhor das florestas.

A raiva cresce, apesar de o protagonista procurar contê-la, até a explosão: “Gritei um trovão” e, nesta página, surgem desenhos de raios e predomina o vermelho, ambos símbolos de Xangô, o orixá ligado à justiça. A interferência do afeto da mãe e da avó, como apontado em *Betina*, ajudam na superação da dor e para que a amizade entre os garotos seja retomada. “Eu queria arrancar meus fios de contas. Mas minha mãe chamou minha avó e as duas me explicaram: ‘O candomblé é uma religião linda, filho. Prega o bem e o amor à natureza’.”. (ANTONIO, 2008). Embora sejam feitas breves descrições, nas páginas finais do livro, das características dos orixás, as cores não são mencionadas, o que exige a consulta dos docentes a outras obras para preparação das aulas.

O conflito interior de uma menina, Odara, em *Uma princesa nada boba*, evidencia o modo como as imagens de princesas, predominantes nas narrativas tradicionais, interferem na autoestima da criança e na formação de sua autoimagem, como visto nas narrativas que ressaltam os cabelos:

Mas sempre chovia na minha cabeça.

E ela transbordava:
por que eu não podia ser igual a uma princesa?

Cachinhos dourados.

Longos fios escorridos.

Narizinho pontudo. (ANTONIO, 2011).

As ilustrações, no período escolar, mostram a personagem escondendo o rosto com uma sombrinha e deslocada no canto da página; entretanto, quando chega ao sítio da avó, onde é recebida com carinho e banho de ervas, a sombrinha é abandonada e dá lugar às flores. Ao levar as oferendas – flores - para serem jogadas no rio, a narrativa de Oxum, orixá das águas doces, mistura-se à de Odara. Enquanto olha para o espelho – o abebé – de Oxum, a menina conhece as histórias de Oya, Nzinga e de suas ancestrais, fundamentais para ruptura do modelo anterior, almejado pela personagem: “E vi a avó da avó da minha avó. Princesa, vinda de Ketu”. (ANTONIO, 2011). Conhece histórias de mulheres negras que lhe possibilitam reconhecer-se princesa - “Sou uma princesa.” – e assumir o próprio nome, Odara, até então substituído por Stephanie:

Na volta às aulas, chamei a Ana e contei tudo.
Ela disse que queria ser Nzinga quando
crescesse.

— Aninha, só me chame pelo meu nome de verdade? Por favor?

[...]

Eu me chamo Odara.

Nome de princesa nada, nada boba. (ANTONIO, 2011)

Numa viagem mágica, Lili, a personagem de *As férias fantásticas de Lili*, de Livia Natália (2018), entre sonho e realidade recebe a ajuda dos orixás para viver aventuras e ter o que contar em sua redação sobre as férias. O mundo mítico de Exu, Oxum, Erês inunda a viagem imaginária e faz da menina uma semideusa, transformando sua vida em brilho e alegria. Humanizados, os orixás são os protetores, os guardiões, os responsáveis por trazer-lhe

leveza e tornar possível a realização dos desejos de Lili, como a escrita da redação. O limiar entre sonho e realidade permanece nas páginas do livro e introduz o gênero fantástico de forma sutil, num ambiente cercado de ilustrações, de Carolina Teixeira (Itzá) (2018), de deuses e deusas milenares:

Sem saber se o que se passou era sonho ou realidade
A menina contou no texto tudo como se fosse verdade.
Quando leu sua redação deixou a professora admirada
Pois as férias de Lili tinham sido muito animadas.

A menina muito sorria de tão feliz que estava
Não podia dizer a ninguém que era uma menina encantada.
Sem precisar disputar qual era a melhor história
Ela logo entendeu que cada um tinha uma trajetória.

E esta história que eu contei nem eu sei que fim levou
Pois jamais saberemos se o que eu aqui contei ela viveu ou sonhou.
(NATÁLIA, 2018).

Princesas, rainhas, deusas estão em evidência na narrativa *Omo-oba*: histórias de princesas que, segundo Kiusam Oliveira (2009, p. 7), surgem a partir de “fontes tradicionais conhecidas, contadas e recontadas pelo povo africano (iorubano) e afro-brasileiro [...]” e “podem ser interpretadas de diferentes formas, porque, ao recontá-las, cada pessoa reforça o conhecimento de que mais necessita. Neste livro, reforço características que julgo capazes de empoderar meninas de todos os tempos.”. Esta frase final reitera a proposta desse artigo em mostrar obras que enalteçam a imagem da criança negra, rompam estereótipos e quebrem a predominância de obras que mostrem apenas ilustrações e personagens construídas a partir de crianças brancas em sala de aula. Jeruse Romão (2001, p. 167) no livro *Racismo e anti-racismo na educação*: repensando nossa escola, organizado por Eliane Cavalleiro, destaca:

[...] quando a criança é embranquecida pela escola, seu corpo torna-se um corpo dissidente de sua negritude. E, quando resiste, seu corpo expressa uma relação contra a opressão à sua liberdade de ser; não podendo ser negro, se rebelar e explode.

A descrição de Oxum, no capítulo “Oxum e seu mistério”, une traços conhecidos dessa divindade a características de uma menina, ao lado de Ogum, seu amigo:

Oxum, era uma princesa menina que encantava a todos com a sua beleza e com o seu perfume. Gostava de usar seu *adê*, sua coroa toda de ouro, com penduricalhos em fios também de ouro, tendo nas pontas ouro no formato de gotinhas de chuva. Era um encanto, um brilho só.

[...]

Ogum também era amiguinho de Oxum [...].

O menino Ogum, mesmo criança, trabalhava muito e tinha a responsabilidade de construir objetos de ferro: utensílios e ferramentas agrícolas em geral. Ele era o melhor e nem homens adultos conseguiam fazer o que o menino Ogum conseguia. (OLIVEIRA, 2009, p. 18).

Os orixás aparecem como personagens crianças com descrições similares a de belíssimos príncipes e princesas em cada capítulo da obra de Kiusam de Oliveira (2009) e as ilustrações de Josias Marinho (2009) delineiam harmoniosamente essa fusão dos traços das divindades e seus adereços à sutileza do contorno do rosto de uma criança. Em *Erinlé, o caçador e outros contos africanos*, de Adilson Martins (2008) e ilustrações de Luciana Justiniani Hees, as narrativas dos orixás enlaçam-se à natureza, uma vez que, na origem dessas histórias, essa união é indissociável. Ao final de cada narrativa, há a preocupação na contextualização histórica de detalhes dos fatos relatados, estabelecendo a conexão temporal (passado e presente) e territorial (África-Brasil), como aparece em “Xangô e os camundongos”, que conta a história da amizade estabelecida entre o orixá Xangô e Larinká, um pequeno camundongo, após este salvar sua vida na prisão:

Existem na África muitas espécies de ratos e camundongos. A mais interessante delas é a do rato gigante africano, que pode chegar a pesar 4 kg e a ter 75 cm de comprimento, sem contar o rabo, que mede 40 cm. Ele é um animal manso, muito inteligente e domesticável. Por isso, é adotado como animal de estimação em países da América e da Europa. O rato gigante também já se mostrou muito útil. No fim do século XX, muita gente morreu ou ficou aleijada nos países africanos que tiveram guerras civis por causa dos campos minados (com explosivos enterrados). Em Moçambique, os ratos gigantes foram treinados para farejar essas minas e ajudaram a desenterrar muitas delas. (MARTINS, 2008, p. 22).

Eliane Debus (2017, p. 49), baseada em suas pesquisas voltadas à temática da cultura africana e afro-brasileira, tece o seguinte comentário a respeito das personagens negras na literatura infantil e juvenil:

As exigências da Lei 10.639/2003 culminaram com o florescimento de um nicho mercadológico a partir da necessidade de livros que tematizem e problematizem as questões étnico-raciais, por meio da representação de personagens negras como protagonistas e narrativas que focalizem o continente africano como múltiplo [...].

Inspirada em fatos históricos, ocorridos no final do século XIX em Itapuã-BA, a narrativa de *Obá Nijô: o rei que dança pela liberdade*, de Narcimária do Patrocínio Luz (2014) e ilustrações de Ronaldo Martins, conta o percurso de iniciação de um líder, que dá

REVELLI, Vol. 11. 2019. Dossiê: Estudos Literários e Interculturalidade. ISSN 1984-6576.

E-201913

nome ao livro, composto por três etapas: seu nascimento em “Ojá: o mercado está em festa com o anúncio do nascimento do rei”, o aprendizado na fase menino em “Okun Odo: dançando com as Iyás Agbás, as mães ancestrais” e “Igbo: dançando com a floresta”, quando, finalmente, no capítulo “A dança pela liberdade” conclui a trajetória, lidera uma rebelião contra a “[...] escravidão da armação de pesca em Itapuã.” (LUZ, 2014, p. 37) e torna-se fundador de um quilombo:

A população da Bahia do tempo de Obá Nijô, início do século XIX, era predominantemente africana e, em sua maioria, jovens sequestrados pelo tráfico escravista, uma população escravizada formada mais por homens do que mulheres.

Aos 22 anos, Obá Nijô foi confirmado como um alto sacerdote nagô, integrando a alta hierarquia da comunidade, e com isso assumiu a responsabilidade de zelar pelo culto às forças cósmicas que regem o universo, tradição importante para manter fortalecida a comunidade. (LUZ, 2014, p. 38).

Esta narrativa, mais longa do que as demais, em que predomina o texto verbal, é indicada para o final de ciclo do Ensino Fundamental I e início do II. Assim como as anteriores, pode ser lida em voz alta, utilizando-se o círculo da contação de histórias e, com a orientação docente, pode ser dividida em partes para leitura e aprofundamento da história e de vocábulos de origem iorubana, uma vez que há o estímulo à pesquisa a partir de um glossário ao final do livro. A trajetória de Obá Nijô assemelha-se a dos heróis e das heroínas dos contos de fadas ou outras narrativas conhecidas dos alunos e alunas para realização da prova final. Os orixás são as divindades que lhe oferecem condições de lutar, ensinam-no as estratégias para vencer e tornam-se os coadjuvantes do herói. Enquanto o menino Obá Nijô, na cena da floresta, busca biriba para fazer um berimbau, encontra os orixás que irão ensiná-lo:

— Desculpe, não queria assustar nem fazer-lhe perder a concentração. Eu sou Obá Nijô e entrei na mata para pegar biriba e cabaça para fazer um berimbau, mas aí encontrei Agemó e Ossâim que me falaram de você. Inclusive Agemó me falou sobre seu conhecimento da arte que cria o berimbau.

— E daí?

— Daí que para sair da floresta eu tenho que aprender sobre os mistérios e segredos dela antes de voltar para Itapuã, já que entrei aqui desavisado. (LUZ, 2014, p. 30).

Há canções, ensinamentos sobre a natureza e aproximações entre África e Brasil, que dão novos contornos à jornada do herói e estabelecem a ligação entre os dois territórios. A luta de Obá Nijô passa a ser metáfora de todas as lutas de povos africanos pela liberdade em solo brasileiro. *No Reino da Carapinha*, de Fausto Antonio (2018), é também uma obra mais

longa, destinada a um público leitor proficiente em narrativas de linguagem mais elaborada e destaca a avó contadora. Sons, performance de Vó Doca contadora, ambientação do contar históricas, em linguagem poética, constituem o clima propício para a viagem ao Reino da Carapinha, ilustrada por Junião (2018):

Tileka! Falam os velhos, guardiões do tempo eterno, que a vida escapa. Os reinos, que são feitos dessas vidas, meus netos, escapam também para um começo que engole o fim que come o começo e revela o Reino do Tin-Tin-por-Tin-Tin. Os netinhos, numa espécie de eco, repetiram: um começo que engole o fim que come o começo que revela o Reino do Tin-Tin-por-Tin-Tin. Caramba! Exclamou Zuma, a Máscara Falante. Vovó deu um leve sorriso e seguiu encantando. O Reino é mistério no caminho. É também um ovo que revela o Reino contido, a circular Valongo, e aquilo que o contém, o Reino Encantado da Carapinha. Aliás, a carapinha é ainda um pretexto ou pré-texto que encerra as cinzas, o sangue negro. (ANTONIO, 2018, p. 7).

Nessa viagem pelo reino encantado, surgem os búzios, que mostram a vontade dos orixás, o destino, o caminho entre os mundos:

[...] Na fachada da casa da Senhora das Idades, com letras garrafais, havia uma inscrição muito bem conhecida por eles e que dizia: Colocam-se búzios. Dandara leu em voz alta e demorou um pouco, numa entonação especial, na pronúncia da palavra búzios. Todos se entreolharam e seguiram confiantes. Afinal, falou na consciência de cada um deles Zuma, a Máscara Falante, os mundos se correspondem. (ANTONIO, 2018, p. 31).

A ligação África-Brasil estabelece-se tanto na linguagem – nomes das personagens, canções, vocábulos preservados – como no relato da jornada dos ancestrais: “Vovó contou, como se estivesse fazendo uma mágica, a saga das Cabaças Gigantes que transportaram africanos para o Brasil. A história completa, alertou vovó, deve ser montada na cabeça de cada um de vocês.” (ANTONIO, 2018, p. 44). O mundo imaginário, descortinado desde a primeira página da obra, confunde-se com a rotina das crianças-ouvintes, invade o cotidiano delas e transforma em ficção e poesia, isto é, em mundo das artes, as narrativas de seus antepassados.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada obra, aqui destacada, recupera as tradições afro-brasileiras que compuseram a cultura brasileira, ao retratar cores, cheiros, sensações, sabores, sons, no círculo afetivo da

tradição oral, do contar histórias ancestrais e da ligação estabelecida entre avós, pais, mães e crianças negras, que se estende a toda comunidade. Na composição literária, aqui retomada pela literatura infantojuvenil, imagens e palavras completam-se nesse painel de representações de personagens negras que destoam – ao mesmo tempo rompem, resistem – das obras predominantes no espaço educacional. Levar essas imagens para a educação básica significa contemplar identidades, contribuir para que estereótipos sejam quebrados quanto à imagem de mulheres e homens negros, combater o racismo e, desde a infância, montar/mostrar de fato o painel multicultural de que é composto o Brasil e, por extensão, oferecer a todos(as) leitores(as) o sentimento de fazer parte do todo.

REFERÊNCIAS

ANTONIO, Fausto. **No Reino da Carapinha**. Ilustrações de Julião. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.

ANTONIO, Luiz. **Minhas Contas**. Ilustrações de Daniel Kondo. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

_____. **Uma princesa nada boba**. Ilustrações de Biel Carpenter. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

CÂMARA, Ana Zarco. **O cabelo de Cora**. Ilustrações de Taline Schubach. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

CORTÁZAR, Julio. Do sentimento de não estar de todo. In: _____. **Valise de cronópio**. Tradução de Davi Arriguci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2006.

DEBUS, Eliane. Meninos e meninas negras na literatura infantil brasileira: (des)velando preconceitos. **Perspectiva**. Florianópolis, v. 28, n. 1, 191-210, jan./jun. 2010.

_____. **A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens**: lendo Joel Rufino dos Santos, Rogério Andrade Barbosa, Júlio Emílio Brás, Georgina Martins. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2017.

DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares (org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. vol 4.

GOMES, Nilma Lino. **Betina**. Ilustrações de Denise Nascimento. Belo Horizonte: Mazza, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. **Cultura e representação**. Organização, apresentação e revisão técnica Arthur Ituassu. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Apicuri, 2016.

LIMA, Heloisa Pires. **Histórias da Preta**. Ilustrações de Laurabeatriz. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1998.

LIMA, Heloisa Pires; ANDRADE, Rosa Maria Tavares. **Lendas da África Moderna**. Ilustrações de Denise Nascimento. São Paulo: Elementar, 2010.

LUZ, Narcimária do Patrocínio. **Obá Nijô: o rei que dança pela liberdade**. Ilustrações de Ronaldo Martins. Rio de Janeiro: Pallas; Biblioteca Nacional, 2014.

MARTINS, Adilson. **Erinlé, o caçador e outros contos africanos**. Ilustrações de Luciana Justiniani Hees. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

MCQUINN, Anna. **Lulu adora histórias**. Ilustrações de Rosalind Beardshaw. Trad. Lis Dornelas. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

NATÁLIA, Livia. **As férias fantásticas de Lili...** Ilustrações de Carolina Teixeira (Itzá). São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.

OLIVEIRA, Kiusam. **Omo-oba: histórias de princesas**. Ilustrações de Josias Marinho. Belo Horizonte: Mazza, 2009.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **Mulher negra: afetividade e solidão**. Salvador: ÉDUFBA, 2013.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

REIS, Ana Carolina. **Construção da identidade da criança negra em meio as relações de racismo na escola**. 2014. Disponível em <<https://www.geledes.org.br/construcao-da-identidade-da-crianca-negra-em-meio-relacoes-de-racismo-na-escola/>> Acesso em: 08-11-2018.

ROMÃO, Jeruse. O educador, a educação e a construção de uma auto-estima positiva no educando negro. In: CAVALLEIRO, Eliane (org.). **Racismo e anti-racismo na educação**. Repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001. p.161-178.

ROSA, Sonia. **Zum Zum Zumbiiiiiiii**. História de Zumbi dos Palmares para Crianças. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

_____. **Os tesouros de Monifa**. Ilustrações de Rosinha. São Paulo: Brinque-Book, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da Silva. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

VALLE, Cássia; PALMEIRA, Luciana. **Calu**: uma menina cheia de histórias. Ilustrações de Maria Chantal. Rio de Janeiro: Malê, 2017.